

Introdução à Dialética

THEODOR W. ADORNO

São Paulo: Editora da Unesp, 2022. 520 p.

*Erick Calheiros de Lima**

Trata-se de tradução para o português do texto correspondente a um curso de introdução à dialética, lecionado pelo filósofo e sociólogo alemão T.W. Adorno no semestre de verão de 1958, na Universidade de Frankfurt. O material traduzido se encontra em *Einführung in die Dialektik*, livro publicado pela editora Suhrkamp em 2010, sob a edição de Christoph Ziermann, como volume II da seção IV das *Obras Completas* de Adorno. A edição desse curso documenta possivelmente algumas das primeiras e enfáticas autorreflexões metodológicas de Adorno em torno de sua concepção da dialética materialista, um tema absolutamente crucial para a compreensão de suas multifacetadas contribuições teóricas, cujo desdobramento e aprofundamento o conduziram ao seu *opus magnum*, *Dialética Negativa*, de 1966.

Do ponto de vista histórico-filosófico, é também um documento que atesta a apropriação crítica da dialética hegeliana e as diretrizes gerais do debate de Adorno com a versão marxiana da dialética materialista, uma discussão que rende reflexões importantes tanto sobre a história do “marxismo ocidental” e da Teoria Crítica quanto acerca daquilo que se convencionou chamar, algum tempo depois, de *Neue Marx-Lektüre*.

Do ponto de vista do conteúdo, o texto de Adorno percorre uma vastíssima gama de temas, alguns dos quais já haviam sido tematizados anteriormente, enquanto outros ainda serão retomados e desenvolvidos em obras subsequentes. Gostaria de abordar agora ao menos o eixo argumentativo mais abrangente destas

* Professor de Filosofia da Universidade de Brasília. E-mail: callima_er@hotmail.com

20 aulas de Adorno com as quais pretende facultar a ouvintes (e agora a leitoras e leitores) uma instrutiva introdução à dialética – pretensão amplificada pelo rico aparato de notas, elaborado pelo editor alemão.

Uma decisiva e notável peculiaridade do curso proposto por Adorno é que se trata para ele não apenas de uma “propedêutica à dialética”, mas sobretudo de um “modelo de dialética”. Em outras palavras, trata-se não apenas da “dialética” considerada como objeto de estudo, mas antes, em boa medida, da “dialética”, digamos, em ação. A circunstância de que a dialética dos conceitos sempre já se encontra em ação no uso dos mesmos é algo que Adorno infere, por exemplo, da percepção dos antigos gregos sobre essa dialética; pois já na antiguidade, pela própria concentração ontológica de sua investigação, a dialética tem uma ambivalência como método e como estruturação do objeto experienciado. Adorno interpreta a dialética, de modo genérico, como experiência do caráter limitado dos conceitos pela comparação com o objeto intencionado, a qual deve poder se reverter em sua retificação, justamente pela autonegação implícita no acolhimento, nos conceitos, do elemento não conceitual.

Essa tensão entre a identidade e a não-identidade de conceito e objeto, constitutiva dos próprios conceitos, foi plenamente reconhecida por Hegel, que a discutira sob o tópico do “movimento do conceito”. Adorno sustenta que o caráter processual dos conceitos é especialmente importante no campo da teoria social porque aí a verdade precisa ser reconhecida em seu “núcleo histórico”; mas também se vincula à vocação da dialética para a “crítica da reificação”. Hegel teria sido apenas parcialmente justo com a princípio geral dessa “dialética aberta”, articulado em sua própria obra, embora muitas vezes tenha sucumbido de algum modo ao fundacionismo, que se repete, sustenta Adorno, nas ontologias e fenomenologias de seu próprio tempo.

Adorno vê o “movimento do conceito” – bem como a “dialética aberta” que reconhece seu pleno direito – como núcleo mais produtivo do debate Kant-Hegel. Na verdade, a ideia adorniana de que a dialética seria, sobretudo na sua formulação hegeliana, “a filosofia kantiana que chegou à sua autoconsciência”, é algo que o próprio Hegel já indicara. Apesar do reconhecimento de sua enorme dívida em relação à “dedução transcendental das categorias”, feita por Hegel em *Werke in 20 Bände*, a interpretação hegeliana da *Crítica da Razão Pura* se notabiliza por conferir considerável primazia à “dialética transcendental” em comparação com a “analítica transcendental”. Nesse contexto, Kant é frequentemente visto, como na introdução da *Ciência da Lógica* (1812), como estando aquém do potencial de sua mais esplêndida descoberta.

Ao explorar esse debate importantíssimo, Adorno estabelece duas diretrizes especialmente importantes para sua compreensão de dialética: primeiramente, apenas uma dialética é capaz de se contrapor à erradicação, na experiência cognitiva, do elemento irracional, inconsciente e não conceitual; em segundo lugar, a dialética – mesmo a hegeliana, que Adorno chega a denominar “teoria crítica” – é

absolutamente incompatível com uma reificação do método, que se consumou no automatismo do “esquema triádico”, com o qual é tão popularmente confundida. Ao cantar para a dialética sua própria melodia – se quisermos recordar da bela metáfora usada por Marx em 1843 na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* –, Adorno permite que dos subterrâneos da discussão de Hegel com a *Dialética Transcendental* sobrevenha a crítica a uma aplicação puramente mecânica do princípio da contradição. A estratégia de Adorno consiste em contestar aquilo que vê como traço dogmático mais geral do “materialismo dialético”, que está visceralmente ligado, para ele, à compreensão da dialética em termos do paralisado “esquema triádico”, que mobiliza tese, antítese e síntese. De modo mais imediato, a reconquista pela dialética das lições colhidas no debate Kant-Hegel – e, por conseguinte, o desmascaramento da reificação até da própria noção de contradição – resulta numa discussão, dialeticamente inspirada, da teoria clássica da predicação e da proposição declarativa.

Para Adorno, o destravamento que a dialética encontra na apropriação crítica que Hegel faz da *Antitética* kantiana, ao viabilizar uma noção antidogmática de contradição, descortina o “movimento do conceito” não apenas como “núcleo histórico da verdade”, mas igualmente em termos do caráter processual da experiência, numa espécie de reconfiguração materialista da noção hegeliana de espírito. Na verdade, tampouco em Hegel a noção de espírito tem uma acepção exclusivamente tradicional, anti-materialista. E a argumentação de Adorno oferece acerca disso uma demonstração interessante; pois se a “dialética aberta” do conceito nos arremessa à compreensão da contraditoriedade do mundo, e não simplesmente do sujeito, o ápice da experiência desse mundo em si contraditório não é senão a exposição da dinâmica dialética e autocorrosiva da sociedade capitalista, frente a qual, sustenta Adorno ao seguir Marx, a concepção hegeliana de Estado assume um significado extrínseco, uma “solução” artificial às disfuncionalidades e patologias modernas. Em suma, Adorno faz ver como sua “teoria negativa” do sistema ou da totalidade, consubstanciada no célebre tópico da “ontologia do estado falso”, tem uma proveniência na leitura marxiana do tópico da “dialética da sociedade civil” em Hegel (na *Filosofia do Direito*).

Finalmente, estabelecidas as coordenadas gerais dessa “dialética aberta”, a exposição de Adorno perpassa então uma série de temas conexos, da retomada de sua interlocução com Benjamin, passando pelas críticas de feitas por Weber à dialética materialista, ou pela posição da dialética de proveniência hegeliana diante do positivismo lógico, do intuicionismo (Bergson) e da fenomenologia (Husserl). E assim, após uma reconsideração crítica, no espírito da “dialética aberta”, das regras cartesianas do método, Adorno é levado a uma elucidativa recuperação das noções dialéticas de mediação, de verdade e de crítica imanente, alcançando, à guisa de conclusão, a crítica dialética às formas lógicas tradicionais: a definição, a proposição e o silogismo.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA
marxista
EDIÇÃO COMEMORATIVA



50